



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

ESTHER ELIZA NERES BARROSO

**O IMPACTO DE ESTUDOS INCONCLUSIVOS DE MEDICAMENTOS
PROMISSORES E A SUA INFLUÊNCIA NA AUTOMEDICAÇÃO
DURANTE O PRIMEIRO ANO DE PANDEMIA POR COVID-19 NO
BRASIL**

**ARIQUEMES-RO
2021**

ESTHER ELIZA NERES BARROSO

**O IMPACTO DE ESTUDOS INCONCLUSIVOS DE MEDICAMENTOS
PROMISSORES E A SUA INFLUÊNCIA NA AUTOMEDICAÇÃO
DURANTE O PRIMEIRO ANO DE PANDEMIA POR COVID-19 NO
BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção
do Grau em Bacharel em Farmácia apresentado
à Faculdade de Educação e Meio Ambiente –
FAEMA.

Orientadora: Prof^a. Ma. Vera Lúcia Matias
Gomes Geron

**ARIQUEMES-RO
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B277i Barroso, Esther Eliza Neres

O impacto de estudos inconclusivos de medicamentos promissores e a sua influência na automedicação durante o primeiro ano de pandemia por Covid-19 no Brasil. / Esther Eliza Neres Barroso. Ariquemes, RO: Faculdade de Educação e Meio Ambiente, 2021.

43 f.

Orientador: Prof. Ms. Vera Lúcia Matias Gomes Geron.

Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Farmácia – Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes RO, 2021.

1. Automedicação. 2. Covid-19. 3. Mídias Sociais. 4. *Fake News*. 5. Pandemia. I. Título. II. Geron, Vera Lúcia Matias Gomes.

CDD 615

Bibliotecária Responsável
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro
CRB 1114/11

ESTHER ELIZA NERES BARROSO

**O IMPACTO DE ESTUDOS INCONCLUSIVOS DE MEDICAMENTOS
PROMISSORES E A SUA INFLUÊNCIA NA AUTOMEDICAÇÃO
DURANTE O PRIMEIRO ANO DE PANDEMIA POR COVID-19 NO
BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso para a
obtenção do Grau em Bacharel em Farmácia
apresentado à Faculdade de Educação e Meio
Ambiente – FAEMA.

Banca examinadora

Prof^a. Ma. Vera Lúcia Gomes Matias Geron
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof^a. Ma. Keila de Assis Vitorino
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof^a. Esp. Jucelia da Silva Nunes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

DEDICATÓRIA

Aos meus Pais e minha família por todo apoio e esforços dado durante esta caminhada, e ao meu saudoso avô Marculino Neres por sempre ter acreditado em minha capacidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado força, paciência e proteção durante toda esta longa caminhada.

Aos meus pais, Edson José Ferreira Barroso e Maria Izabel Neres Barroso, por estarem comigo em todo momento, pelo grande esforço para que fosse possível esta graduação, pelo incentivo e orações.

A minha família, por terem me ajudado de forma indireta, direta e pelo encorajamento e persistência.

Ao meu grupo de amigos que me acompanham desde o ensino médio, Cláudia, Daniel, Luiene, Sofia e Kassia pelo apoio e distrações.

As minhas colegas de classe e agora de profissão Daiane, Janylla e Karolaine, por terem tornado essa jornada mais leve e divertida, e principalmente à Alana, por sempre estar me dando idéias, sugestões, incentivos e críticas construtivas.

A minha orientadora Prof^a. Ma. Vera Geron, pela disponibilidade, paciência e instrução.

RESUMO

O surgimento da emergência internacional em saúde pública originada pelo novo coronavírus-2 gerou a adoção de medidas não farmacológicas preventivas, como o isolamento social, como forma de conter a propagação. Entretanto, com a manifestação da nova doença e o confinamento adotado, a população passa a ser conduzida pela curiosidade em compreender melhor a enfermidade, optando em realizar buscas *online* sobre a temática, porém o usuário ao encontrar informações pertinentes à possíveis medicamentos que estejam entrelaçadas a notícias falsas, torna-se propício em crer e praticar a automedicação irresponsável como forma preventiva. O presente trabalho tem por objetivo analisar o efeito de informações sobre medicamentos com estudos científicos inconclusivos contra Covid-19 contidas na *internet* e a influência na automedicação durante o primeiro ano da pandemia do novo coronavírus no Brasil. O estudo trata-se de uma revisão de literatura, no qual utilizou-se obras científicas contidas em base de dados publicadas entre o ano de 2016 a 2021. Os dados obtidos demonstram que as publicações de possíveis medicamentos intitulados promissores, despertaram a curiosidade em parte da sociedade brasileira no qual notou-se o aumento de buscas pelos descritores em sites de pesquisas, sendo apontado as redes sociais *Facebook* e *WhatsApp* como prováveis fontes disseminadoras de informações errôneas, no qual o impacto do compartilhamento pode ter provocado o aumento na venda das drogas em debate e conseqüentemente a elevação da automedicação durante o período. No entanto, a colaboração de outros fatores como o psicológico abalado, diminuição de confiabilidade na ciência e o temor pelo futuro incerto têm coadjuvado parte dos brasileiros à uma corrida sem precedentes em drogarias e farmácias em busca dos fármacos promitentes.

Palavras-chave: Automedicação. Covid-19. Mídias sociais. Notícias falsas em saúde.

ABSTRACT

The emergence of the international public health emergency caused by the new coronavirus-2 led to the adoption of non-pharmacological preventive measures, such as social isolation, as a way to contain the spread. However, with the manifestation of the new disease and the confinement adopted, the population becomes driven by curiosity to better understand the disease, choosing to carry out online searches on the subject, but the user finds information relevant to possible drugs that are intertwined with false news, it becomes favorable to believe and practice irresponsible self-medication as a preventive form. The present work aims to analyze the effect of information about medicines with inconclusive scientific studies against Covid-19 found on the internet and the influence on self-medication during the first year of the new coronavirus pandemic in Brazil. The study is a literature review, in which scientific works contained in databases published between the year 2016 to 2021 were used. The data obtained show that the publications of possible medicines called promising, aroused curiosity in part of Brazilian society, in which an increase in searches for descriptors on research sites was noted, with the social networks Facebook and WhatsApp being pointed out as probable sources for disseminating erroneous information, in which the impact of sharing may have caused an increase in the sale of drugs under debate and consequently the rise of self-medication during the period. However, the collaboration of other factors such as the shaken psychological, diminished reliability in science and the fear for the uncertain future have contributed part of Brazilians in an unprecedented rush to drugstores and pharmacies in search of promising drugs.

Key-words: Covid-19. Fake news in health. Self-medication. Social media.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 OBJETIVOS	13
1.1 OBJETIVO GERAL	13
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
2 METODOLOGIA	14
3 REVISÃO DE LITERATURA	15
3.1 BREVE INTRODUÇÃO SOBRE A AUTOMEDICAÇÃO	15
3.2 A <i>INTERNET</i> COMO AUXILIADORA DA AUTOMEDICAÇÃO	16
3.3 <i>FAKE NEWS</i>	17
3.4 O COMPORTAMENTO POPULACIONAL E AS NOTÍCIAS IMPRECISAS SOBRE MEDICAMENTOS CONTRA COVID-19 DURANTE O INÍCIO DA PANDEMIA.	20
3.5 RESPOSTA POPULACIONAL: EVOLUÇÃO DE PESQUISAS <i>ONLINE</i> E VENDAS DE FÁRMACOS DURANTE O PRIMEIRO ANO DO SURTO.	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Em 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou, em meados de janeiro, a emergência em saúde pública relacionada à síndrome respiratória aguda grave pelo coronavírus-2 (SARS CoV-2). Uma nova doença infecciosa originária da China, detentora de alta disseminação, sendo ele um novo coronavírus, não havendo vacina ou medicamento com comprovação científica que demonstrassem efetividade para profilaxia à nova enfermidade (SADIO et al., 2021).

A chegada da atual crise sanitária, medidas desafiadoras não farmacológicas como a quarentena, o isolamento social, o uso de máscaras e o uso de álcool em gel se tornaram as principais barreiras para a contenção da propagação da Covid-19. Entretanto, os rápidos acontecimentos em um curto espaço de tempo despertaram em boa parte da população, o sentimento de medo e pânico, levando a compras exageradas de produtos básicos e a propensão em praticar a automedicação como forma de prevenção da nova doença (GARFIN et al., 2020).

O hábito de se automedicar, que é compreendido como a ingestão de medicamentos por conta própria ou por indicações de terceiros não habilitados devidamente, tendo como objetivo a recuperação plena de sua saúde de uma forma rápida, sendo visto como evento comum entre a sociedade brasileira, onde para muitos, consideram-se como uma forma de autocuidado. No entanto com o cenário atual, a instalação do bloqueio nacional a fim de retardar a disseminação do Covid-19 e a tensão em se infectar em associação com a cultura estabelecida, à prática se torna suscetível a intensificação durante a pandemia (OLIVEIRA et al., 2020; CHOPRA et al., 2021).

Por outro lado, o cidadão ao ser conduzido pela curiosidade em buscar dados através de mecanismos de pesquisas *online* sobre a temática, ficando sujeitos a encontrarem informações imprecisas, denominadas popularmente como '*Fake News*', no qual consiste em desinformações com intenção de causar dano ao indivíduo, onde pode ser transmitida por meio de mensagens, opiniões e teorias, desta maneira, o leitor torna-se propício a ser influenciado negativamente às informações quando relacionadas à saúde (SAILER et al., 2020; SOUZA et al., 2020).

O indivíduo uma vez influenciado por notícias frutos da desinformação que estejam relacionados à fármacos, e encontrados dentro de ferramentas de pesquisas da *web* ou em suas redes sociais, poderá contribuir diretamente no consumo irracional de determinados medicamentos, indo em direção oposta as recomendações de organizações produtoras de conhecimento científico (SHARMA et al., 2020; MACHADO; MARCON, 2021; FILHO et al., 2020).

Mediante ao exposto, manifesta-se em parte da população, o pânico, o amedrontamento e a necessidade de proteger-se a todo custo da nova doença, elevando assim, à disposição para a prática de autogestão de medicamentos, ato que se torna alarmante uma vez que há facilidade de acesso às informações encontradas na *internet* na qual podem ser combinadas com notícias equivocadas. O presente trabalho objetiva-se analisar o efeito de informações sobre medicamentos com estudos científicos inconclusivos contra Covid-19 contidas na *internet* e a influência na automedicação durante o primeiro ano da pandemia do novo coronavírus no Brasil.

1 OBJETIVOS

1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar o efeito de informações sobre medicamentos com estudos científicos inconclusivos contra Covid-19 contidas na *internet* e a influência na automedicação durante o primeiro ano da pandemia do novo coronavírus no Brasil.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Expor os motivos para prática da automedicação e a influência da *internet* na tomada de atitude;

Reflexionar o comportamento populacional defronte a nova doença infecciosa;

Verificar o processo de desenvolvimento de notícias imprecisas frente à pandemia por Covid-19;

Examinar a evolução de vendas e buscas *online* por medicamentos promissores durante o primeiro ano do surto no Brasil.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma revisão de literatura descritiva, no qual para a elaboração do levantamento, baseiam-se em monografias, livros, artigos científicos, teses e dissertações disponíveis através de periódicos e base de dados tais como: Google Acadêmico, MEDLINE (*Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*), SciELO (*Scientific Electronic Library On-line*) e Scopus, conjuntamente com sites de autoridade sanitária brasileira e órgãos reguladores como Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), Conselho Federal e Regional de Farmácia, e a ferramenta de análise de dados *Google Trends* para obtenção de dados adicionais. Foram selecionadas 101 (cento e uma) obras científicas após serem analisadas e selecionadas criteriosamente de acordo com o tema apresentado neste trabalho.

Como critério de inclusão utilizou-se materiais publicados a partir do ano de 2016 a 2021, disponíveis em língua inglesa, espanhola ou portuguesa, voltada aos assuntos aventados e disponíveis integralmente. Os critérios de exclusão foram artigos que não possuíam informações pertinentes à temática proposta durante o intervalo definido. Foram utilizadas as seguintes palavras chave de acordo com os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS): Automedicação. Covid-19. Mídias sociais. Notícias falsas em saúde

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 BREVE INTRODUÇÃO SOBRE A AUTOMEDICAÇÃO

A automedicação se caracteriza pelo o ato de auto gestão de medicamentos, sem a indicação do profissional do âmbito da saúde habilitado, na qual possui como propósito a profilaxia, alívio de seus sintomas e restabelecimento de sua saúde plena, no qual o indivíduo praticante, o vê como uma forma de autocuidado. Entretanto, a realização de tal ação de maneira demasiada, pode apresentar danos nocivos à saúde do indivíduo, sendo os mais recorrentes os efeitos adversos, colaterais e outros (ALMEIDA JUNIOR; KAMONSEKI; FERREIRA, 2016).

A facilidade de dispensar ou adquirir inadequadamente medicamentos que necessitam de receitas fortalece os usuários a aderir à prática. No Brasil, mais de 70% de indivíduos com mais de 16 anos admitem consumir medicamentos de forma inadequada, indo ao sentido contrário do conceito do Uso Racional de Medicamentos, no qual consiste que o paciente deve obter seu medicamento de maneira apropriada, de acordo com seu estado clínico e na dose adequada para seu período de tratamento, contribuindo para o custo reduzido individual e coletivo (SANTOS; ANDRADE; BOHOMOL, 2019; MONTES, 2020).

Visto que o ato de se automedicar apresenta como intuito o alívio instantâneo dos sintomas de maneira facilitada, os motivos que induzem os usuários a realizar esta ação podem estar relacionados a diversos fatores, como a dificuldade ao acesso às redes de saúde básica para a realização de consulta com prescritor médico, questões culturais relacionados ao autocuidado, a utilização de prescrições passadas, o fácil acesso às drogarias, e as instigações através de plataformas midiáticas (OLIVEIRA et al., 2018).

Além disso, seu uso inadequado não é exclusivo de classes de baixa renda e quem possui pouca escolaridade, além de atingir variadas faixas etárias, também incluem indivíduos pertencentes à classe alta com elevado grau de formação, por supostamente crer ter conhecimento considerável para praticar habitualmente a autogestão de medicamentos (GARCIA et al., 2018; PALODETO; FISCHER, 2018).

Esta prática pode ser representada em três categorias, sendo elas as

orientadas, quando o paciente praticante possui pequenas informações prévias do medicamento que se pretende consumir; a cultural, momento em que o gatilho para consumir o fármaco está diretamente relacionado a partir do conhecimento adquirido e repassado através de sua descendência, e a forma que recentemente se mostra bastante presente em nosso cotidiano e vem ganhando espaço, a induzida, no qual a pessoa torna-se influenciada através de meios de comunicação (IURAS et al., 2016).

3.2 A INTERNET COMO AUXILIADORA DA AUTOMEDICAÇÃO

A criação da rede mundial, popularmente conhecido como *internet*, trouxe ao mundo a possibilidade do fornecimento de conhecimento e a comunicação de modo simultâneo, no qual com a inserção da população nesta tecnologia, trouxe mudança e alterações em suas vidas, na maneira de produzir conteúdos, troca de conhecimentos e na consumação de informação. No Brasil, o número de usuários que possuem este serviço vem aumentando progressivamente a cada ano, principalmente na área domiciliar (NETO; BARBOSA; MUCI, 2016).

Com a oportunidade de utilizar esta rede virtual, onde o indivíduo pode ter acessos simultâneos em dispositivos móveis, alta velocidade, facilidade e anonimato, tem contribuído para a sociedade o poder de obter qualquer tipo de informação, de forma rápida, segura e com o conforto do seu lar. Devido a essas vantagens e comodidade, o volume de pesquisas em diversos temas tem crescido eventualmente (RODRIGUES et al., 2018).

Com a independência de obter informação sem necessitar de especialista habilitado, e pela facilidade de buscar referências sobre suas enfermidades a fim de recuperar a normalidade do funcionamento de seu organismo de maneira rápida como a procura por fontes *online* para auxiliar em um possível diagnóstico como o uso da ferramenta de pesquisa *Google*, e o compartilhamento de informações relacionado a tratamentos farmacológicos em rede social como *Facebook* e grupos do *WhatsApp*, tem sido um grande aliado para os praticantes da automedicação. Em uma pesquisa encomendada pela Câmara dos Deputados, aponta que 79% da população brasileira que utilizam o aplicativo *WhatsApp*, consideram como fonte principal de informação (NAZARETH, 2018; DOMINGUES, 2021).

A crescente forma de se autodiagnosticar pela rede, houve contribuição ao paciente a se tornar autônomo de administrar e gerenciar seu próprio tratamento. Parte das justificativas dos usuários que utilizam a plataforma para esta finalidade se dá por considerar demorado conseguir consulta médica ou pelo paciente considerar carentes as informações repassadas pelo profissional durante a consulta. Entretanto, a facilidade de encontrar as informações de forma generalizada não substitui uma consulta médica especializada e específica (MANSO; ROTH; LOPES, 2017).

Em uma pesquisa realizada pela Universidade *London School of Economics*, relatou que mais de 80% dos brasileiros utilizam a *internet* para pesquisa relacionada ao tema saúde, porém, dos internautas que pesquisam sobre medicamentos e suas condições, apenas 25% verificam se as informações são verídicas. No Brasil, serviços anexados em sites para garantir a veracidade de informações contidas em notícias ainda não foram desenvolvidos até o momento (LIMA, 2016).

A generalização de pesquisas no âmbito de saúde humana se torna preocupante em razão da falta de segurança e confiabilidade das informações contidas dentro de páginas da *internet*. Devido à ausência do controle em relação ao teor científico contido dentro das informações publicadas na rede, deixa propenso aos usuários encontrarem textos duvidosos sendo eles potencialmente falsos, elevando desta maneira, grande riscos de espalhamento de informações errôneas conhecidas como '*Fake News*' ou imprecisas, pelos internautas (FOMBELLIDA et al., 2016).

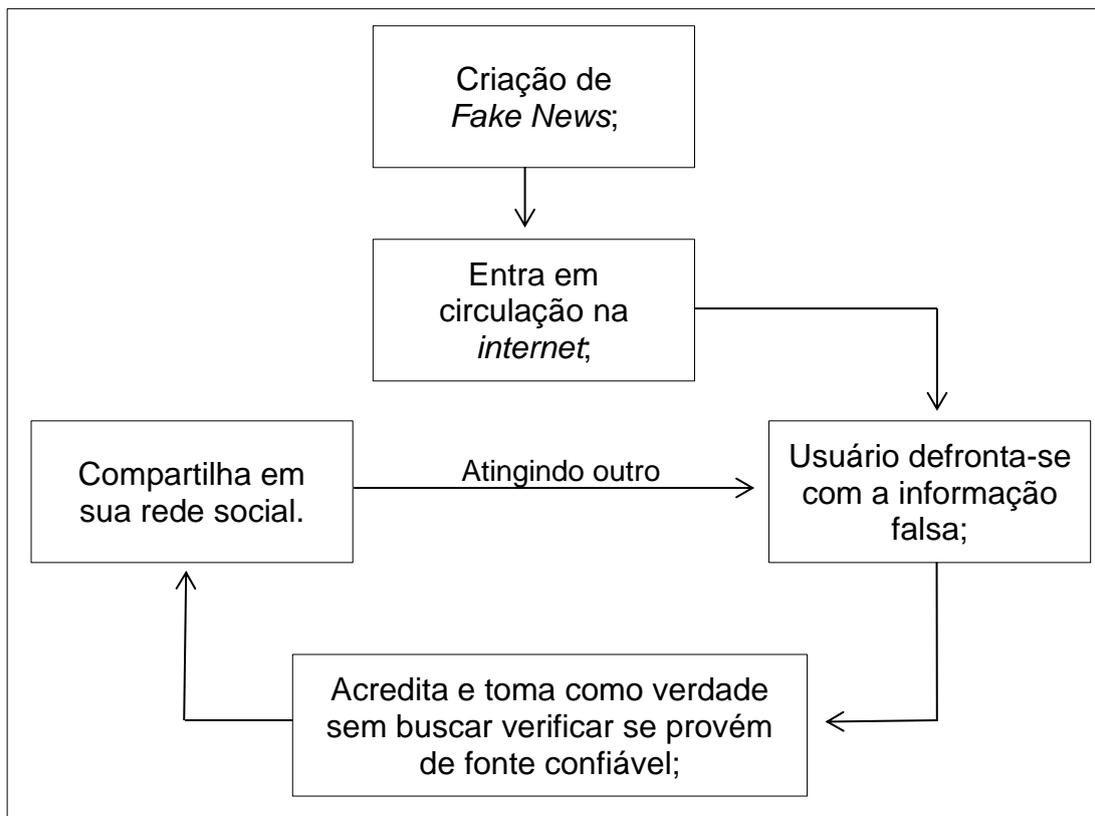
3.3 FAKE NEWS

Caracterizada por notícia falsa ou imprecisa, origem do termo inglês *Fake News*, como é conhecida, obteve popularidade no ano de 2016 após ser mencionado e utilizado dentro do âmbito político durante a corrida presidencial norte americano entre o empresário Donald Trump e a ex-secretária de estado Hillary Clinton, no qual eleitores de Trump produziram notícias falsas sobre a sua adversária. Todavia, este termo não engloba exclusivamente apenas informações falsas, incluem-se também boatos, rumores, mitos, teorias da conspiração e conteúdo errôneo ou enganoso (WANG et al., 2019; BRISOLA; BEZERRA, 2018).

O fenômeno de propagar notícias falsas obteve rápida velocidade de disseminação dentro da *internet* por possuir maior ampliação através do uso de celulares conectados às mídias sociais, obtendo desta forma, um alcance em boa parte da população que são propensas a perderem a confiabilidade em notícias repassadas por instituições que atendem aos critérios de veracidade necessários de informações, como a ciência, elite intelectual geral e imprensa. A prática de propagar *Fake News* se torna chamativa uma vez que a origem do criador do conteúdo falso não é identificada instantaneamente (GALHARDI et al., 2020).

No entanto, epidemiologistas sociais e estudiosos da mídia demonstram preocupação com a popularidade deste fenômeno por ser advento a um produto ligado a desinformação, conhecido como pós-verdade, onde de acordo com a *Oxford Living Dictionaries*, define que apelos à crença pessoal e emocionais são mais influentes em formar opinião pública do que circunstâncias com fatos objetivos (D'ANCONA, 2018).

Com a facilidade de pôr em circulação na rede informações que possuem como objetivo manipular opinião pública, obter audiência ou gerar confusões, entrelaçadas a escrita de maneira estruturada, se torna difícil distinguir entre verdadeiro ou falso, possibilitando desta forma, atingir significativamente um público alvo vulnerável que, ao receber a informação, terá certa probabilidade de criar falsas crenças por considerar relevante a notícia encontrada dentro de sua rede social. A disseminação da *Fake News* pode ser compreendida como um ciclo, conforme o fluxograma a seguir (GELFERT, 2018).

Figura 1 - Fluxograma do ciclo da disseminação de uma *Fake News*.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Entretanto, há também o compartilhamento de informações falsas não intencionais. De acordo com estudo de Apuke e Omar (2020) notou-se que a proliferação involuntariamente de notícias falsas sobre o vírus Ebola, originou-se de pessoas que tinham por objetivo exercer sua obrigação civil em informar e buscar precauções. Em tempos de emergência, é previsível que indivíduos pesquisem sobre o assunto do momento, como é o caso da recente pandemia global por COVID-19, porém o leitor ao se deparar em dados falsos tende a pôr em risco seu bem-estar ao ser induzido a tomar medidas de precauções ilusórias (PULIDO et al., 2020).

3.4 O COMPORTAMENTO POPULACIONAL E AS NOTÍCIAS IMPRECISAS SOBRE MEDICAMENTOS CONTRA COVID-19 DURANTE O INÍCIO DA PANDEMIA.

Em meados de dezembro de 2019, surge em Wuhan, China, um surto semelhante às características de pneumonia, sendo este um subtipo viral denominado SARS-Cov-2, conhecido como o novo Coronavírus, no qual seu sintoma pode se manifestar de forma moderada ou mesmo a forma grave e letal. Devido os humanos não possuírem, de forma prévia, a imunidade adquirida deste subtipo e dada sua grande disseminação pelo globo em questão de semanas, a OMS, em 30 de janeiro de 2020, declarou emergência internacional em saúde pública (SCHIMIDT et al., 2020).

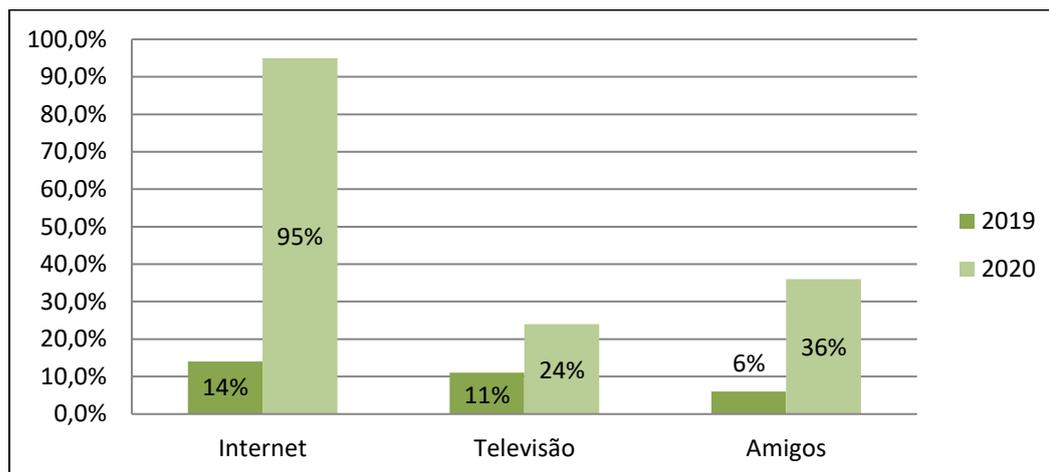
Em 11 de março de 2020, a OMS pronunciou a classificação da Covid-19 como pandemia devido ao aumento exponencial de sua taxa de transmissão, sendo confirmado cerca de 118 mil casos e mais de 4 mil mortes a nível mundial. Em paralelo, cientistas ligeiramente se empenharam a tentar elucidar as características do vírus para conter rapidamente a doença, incluindo sua origem, transmissibilidade e taxa de mortalidade. Profissionais de saúde em conjunto com a mídia, se tornaram fundamentais em propagar as precauções necessárias à população (SCHUCHMANN et al., 2020; PERLMAN, 2020).

Com a carência de conhecimento científico relacionado às características do novo vírus e a ausência de tratamento eficaz, houve impulsão à rápida disseminação e o falecimento de indivíduos vulneráveis. Neste momento, a implementação urgente de estratégias não farmacológicas como controle de mobilidade da população, restrições de atividades empresariais e públicas, se tornou crucial para frear a velocidade de propagação, no qual sua aplicabilidade resulta efetivamente no declínio da curva de contágio, auxiliando no não colapso ao sistema de saúde público e privado (NATIVIDADE et al., 2020).

Em decorrência aos diversos acontecimentos em curto espaço de tempo, a mídia tradicional e digital, se tornaram essenciais ao repassar à população dados relacionadas sobre o novo vírus, como as recomendações das autoridades, medidas do governo e taxas de infecções, no qual contribuiu no aumento de consumo de informação entre os brasileiros (Figura 2). Entretanto, com excesso de informações

expostas ao público incessantemente, expôs aos telespectadores o sofrimento psicológico sobre o medo desconhecido, gerando um aumento de estresse e conseqüentemente, a busca por ajuda desproporcional à ameaça atual, como o pânico de compra (YAN et al., 2016; GARFIN et al., 2018).

Figura 2 – Principais fontes de consumo de informação dos brasileiros relacionada à ciência através de meios de comunicação.



Fonte: Adaptado de Brasil (2019) e Fundep (2020).

A tensão psicológica agrava ao ser exigido o distanciamento social, impedindo a comunicação interpessoal, trazendo à tona a utilização de mídias sociais para sanar os problemas acometidos pela restrição do contato pessoal. Embora o uso destas plataformas propicie o bem estar psicológico por manter o contato com pessoas significativas, a sua utilização tem desempenhado um alto consumo considerável de informações durante a pandemia (WIEDERHOLD, 2020).

Com o aumento de acessos à rede de *internet* durante o isolamento, a população passou a ficar exposta ao fenômeno denominado infodemia, caracterizado pelo excesso de informações corretas ou não, a um assunto específico em um curto tempo, como à pandemia por Covid-19. Em razão ao grande volume de notícias falsas e conflitantes, os usuários tiveram dificuldades em encontrar informações verdadeiras e úteis para orientá-los, levando a uma vasta gama de consumo e propagação de *Fake News* (BENDAU et al., 2020; VASCONCELLOS-SILVA; CASTIEL, 2020).

Em pouco tempo, a desinformação sobre o novo vírus se alastrou rapidamente

dentro das redes sociais, onde se encontrava desde falsas curas como gargarejo de água salgada ou limão, injeção de alvejante em si mesmo, tratamentos como a utilização de chás, alimentos, medicamentos, infusões e vitaminas no qual pregavam que seriam capazes de curar e anular o vírus do organismo por fortalecer o sistema imunológico mesmo sem possuir alguma comprovação científica, ou que a própria OMS reconheceu que o uso de máscaras não protege contra a infecção pelo Covid-19 (LIDEN et al., 2020; MOREIRA et al., 2021).

Em meio à busca por soluções, surge a sugestão do emprego de Hidroxicloroquina (HCQ) e Cloroquina (CQ) no tratamento contra o novo coronavírus no qual recebeu atenção a nível mundial em fevereiro de 2020 após relato preliminar em pacientes chineses. Esta hipótese foi confirmada em março de 2020 após a realização de ensaio *in vitro* mostrar resultados promissores contra o SARS-CoV-2. O estudo observou que a HCQ possuiu melhor atividade antiviral *in vitro* comparada a CQ, e seguida da avaliação *in silico* de regimes de dosagem otimizadas da HCQ, obtiveram como resultados que o fármaco possuía a capacidade de obter eficácia em tratamento bem como possuir um bom perfil de segurança, porém havia necessidade da realização de ensaios clínicos para avaliação final antes que seja implementado como tratamento em paciente com Covid-19 (GAO et al., 2020; YAO et al., 2020).

Resultados promissores permanecem após a realização de ensaio clínico entre fevereiro e março de 2020 em 48 pacientes em Wuhan, infectados pela SARS-Cov-2 da forma moderada e em tratamento com HCQ ou CQ, onde resultados apresentados demonstraram que o tempo de recuperação clínica e o tempo de negativação viral foram menores em pacientes que consumiram a CQ se comparados ao grupo controle. Entretanto, por ser um estudo de pequeno porte, houve limitações como ausência de estudo duplo-cego controlado por placebo e desproporção entre os grupos em tratamento, comprometendo os resultados finais e necessitando verificar os resultados em estudos de grande porte (CHEN et al., 2020).

No mesmo mês, surge boato sobre ácido ascórbico e colecalciferol, conhecido como vitamina C e D respectivamente, como possíveis promotores na elevação da imunidade no qual auxiliaria no combate ao vírus, entretanto, a realização de ensaio clínico randomizados em pacientes ambulatoriais infectados a fim de verificar a ação da Vitamina C, demonstrou haver nenhum efeito mínimo nos sintomas. Resultado

semelhante surge após estudos com a Vitamina D, no qual não encontraram evidências que promovessem proteção em pacientes contra a infecção (AMIN; DRENOS, 2021; THOMAS et al., 2021).

Em 17 de março, a publicação de ensaio do popular médico francês Didier Raoult e colaboradores (2020), demonstra que os medicamentos HCQ e CQ associados à Azitromicina possuíam efeito no tratamento contra o vírus após demonstrar ausência ou diminuição da carga viral. Embora o estudo esteja ausente de comprovações científicas conclusivas, os resultados foram celebrados pela sociedade como esperança para o fim da pandemia (GAUTRET et al., 2020; CAPONI et al., 2021).

Apesar de estudos iniciais serem animadores, em 19 de março de 2020, a ANVISA publicou um esclarecimento sobre a utilização de HCQ e CQ ao tratamento de Covid-19, no qual a agência não recomendava seu uso em pacientes infectados ou como forma de prevenção devido haver apenas evidências inconclusivas, alegando ainda que a automedicação pode trazer riscos graves à saúde. No entanto, no dia 31 do mesmo mês, a agência volta atrás em uma declaração favorável, no qual compactuava conjuntamente com o Ministério da Saúde, sobre a orientação e critério médico do uso por prescrição de HCQ e agora a CQ em casos graves sob uso compassivo, por não haver terapia específica até aquele presente momento (CASTRO, 2021; RIBEIRO et al., 2020).

As utilizações dos antimaláricos, como a cloroquina, ganham mais visibilidade em maio de 2020 após o Ministério da Saúde divulgar as orientações do uso da CQ e HCQ para o tratamento precoce no âmbito do Sistema Único de Saúde e a OMS decidir pausar temporariamente seus testes de avaliação com os fármacos decorrente à uma publicação de dados na revista *The Lancet*, no qual observaram aumento na taxa de mortalidade em pacientes hospitalizados com Covid-19 seguida da administração dos medicamentos. Porém, após investigação sobre o artigo, a OMS foi obrigada a recuar após diversos pesquisadores encontrarem inconsistências na pesquisa, levando a remoção do estudo e a retratação da revista, no qual a própria editora alegou que os dados não eram confiáveis (ORTIZ et al., 2020; BRASIL, 2020).

Esta tomada de decisão fortificou a defesa da utilização do uso do medicamento no Brasil, enfraquecendo a confiabilidade dos alertas negativos

emitidos. Em junho do mesmo ano, a responsável pelo Programa de Emergência da organização declarou que a transmissão por assintomáticos seria rara. Após a alegação, houve intensa repercussão negativa, levando a OMS novamente retratar a declaração e garantir que a transmissão é possível, gerando desconfiança e desgastes nas recomendações da própria organização (HENRIQUES; VASCONCELOS, 2020).

No fim do mesmo mês, surge a publicação sobre um estudo australiano dirigido por Caly e colaboradores (2020), que obteve destaque e atenção após a descoberta de mais um medicamento antiparasitário Ivermectina (IVM) demonstrar resultados animadores por expor a atividade antiviral de amplo espectro em ensaio *in vitro*, sem apresentar toxicidade em doses concentradas do fármaco e ainda demonstrar a capacidade de eliminar o vírus no período de 24 a 48 horas. Apesar de o medicamento ser um possível candidato útil no combate ao Covid-19, os autores apontam que há necessidade de investigação mais profunda para verificar se há benefício *in vivo*.

Apesar de a OMS ser contra a utilização dos antimaláricos no tratamento contra a doença, o protocolo proposto pelo Governo Brasileiro permaneceu inalterado. Em 17 de julho, a Associação Médica Brasileira se pronuncia para atualizações de recomendações sobre tratamento tendo como base dois novos estudos científicos publicados, sendo ele Skipper e colaboradores (2020), onde avaliaram pacientes com uso de placebo e o fármaco em pacientes internados, antes e depois da infecção, no qual concluíram que não houve benefício clínico, ou seja, sem melhora significativa nos sintomas, na mortalidade e tempo de hospitalização, pontuando ainda que pacientes que consumiram HCQ apresentaram eventos adversos. E de Mitjà et al. (2020), no qual não houve benefício virológico e clínico em pacientes leves que usaram HCQ, se comparado ao grupo controle, desta forma, a associação concluiu a falta de eficácia do uso do antimalárico como tratamento da Covid-19 (BRASIL, 2020).

Em outubro de 2020, houve a finalização do estudo recomendado pela OMS, no qual concluíram que a HCQ apresentava pouco ou nenhum efeito em pacientes hospitalizados com Covid-19 durante a internação hospitalar, início de ventilação mecânica ou da mortalidade geral, porém ainda necessitava confirmar se havia eficácia na fase inicial da doença. Bartoszko et al. (2021) e Sevilla-Castillo et al. (2021) obtiveram resultados semelhantes sobre CQ e HCQ, onde ambos apontavam nenhum

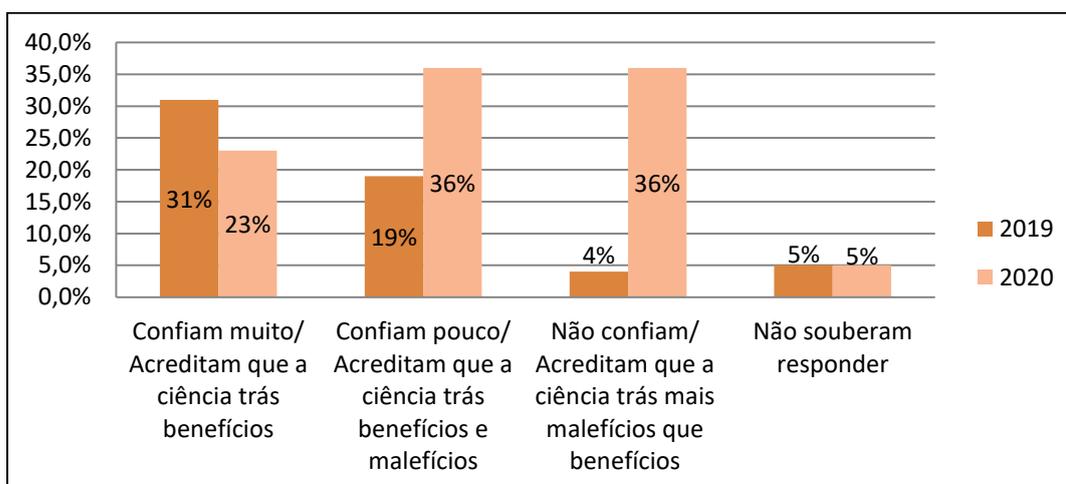
efeito importante contra infecção por SRAS-CoV-2 confirmada em laboratório, na admissão hospitalar e na mortalidade, pontuando ainda que a medicação seria capaz de aumentar os efeitos adversos (PAN et al., 2020; LAMONTAGNE et al., 2021).

Resultados desanimadores sobre IVM aparecem em novembro de 2020 após um estudo retrospectivo unicêntrico com 13 pacientes com Covid-19 de forma grave em Barcelona, no qual obteve como resultado a ausência de benefício clínico com o uso da droga. Outro estudo surge na conceituada revista *Journal of the American Medical Association*, sobre o ensaio clínico randomizado da IVM, onde concluíram que a utilização do fármaco não possuía eficácia alguma se utilizada de forma precocemente em pacientes leves (CAMPRUBÍ et al., 2020; LÓPEZ-MEDINA et al., 2021).

No Brasil, houve constante divulgação dos medicamentos conhecido atualmente como 'Kit Covid', que incluem medicamentos como a IVM, CQ, HCQ, Vitamina C e D, no qual vem ganhando atenção e espaço após a replicações de rumores apoiadas por pequeno grupo de figuras ilustres brasileiras por defenderem seu uso como preventiva ou curativa em mídias sociais como *Facebook* e *WhatsApp*. Apesar de existir resultados promissores e outros divergentes, organizações como a OMS, desaconselham seu consumo por haver evidências sobre os benefícios do uso dos medicamentos supracitados serem inconclusivos, sendo assim o mais cauteloso a não recomendação (ARAUJO; OLIVEIRA, 2021; RIBEIRO et al., 2020; MELO et al., 2021).

Os incessantes conflitos entre líderes políticos e as comunidades científicas nacionais e internacionais sobre o uso dos medicamentos, trouxe à população brasileira desnorreamento e perda da confiabilidade em instituições especialistas em produzir conhecimento científico confiável de acordo com levantamento realizado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações em 2019 antes da pandemia, e pela *Pew Research Center* publicado em setembro de 2020 durante a crise sanitária (Figura 2) (MACHADO et al., 2020; FUNK et al., 2020; BRASIL, 2019).

Figura 2 – Opiniões de brasileiros relacionadas à confiabilidade na ciência.



Fonte: Adaptado de Brasil (2019) e Funk et al. (2020).

A constatação no declínio sobre a confiabilidade na ciência durante a crise torna-se preocupante após rumores entrarem em contato em mídias sociais, no qual informações comprovadas cientificamente perdem a atenção dando espaço à proliferação de notícias sensacionalistas capazes de prender a atenção do leitor, colaborando ao usuário criar opiniões deficientes de informações precisas (SANTAELLA, 2019).

3.5 RESPOSTA POPULACIONAL: EVOLUÇÃO DE PESQUISAS ONLINE E VENDAS DE FÁRMACOS DURANTE O PRIMEIRO ANO DO SURTO.

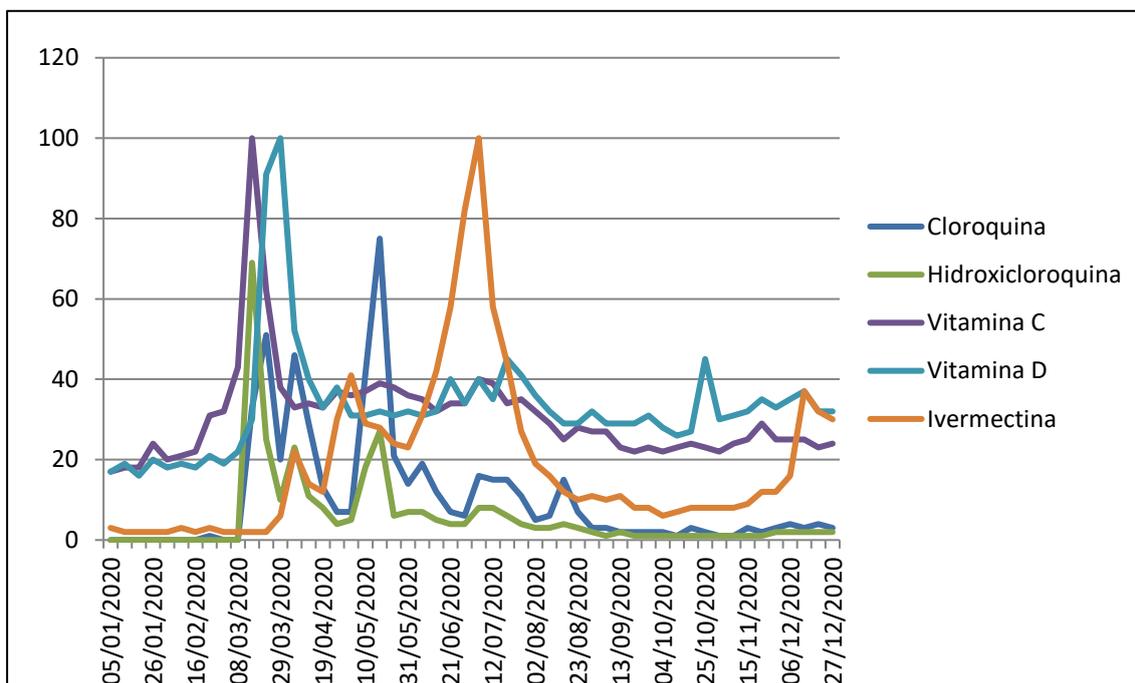
Medo, incertezas, angústia e a procura por informações relacionadas ao vírus vem à tona, entretanto, com a chegada da infodemia, postagens com estruturas discursivas semelhantes às encontradas em locais confiáveis, entra em cena, elevando a criação e a rápida disseminação de informações sobre o vírus por meio de redes sociais como *Facebook* e *WhatsApp*. A instalação da era pós-verdade influencia a população através do modo de compreensão e no comportamento, como o fortalecimento da cultura da desinformação, perda de credibilidade na ciência e o surgimento de teorias conspiratórias (CHAN et al., 2020).

Com a opinião pessoal ganhando força, tendo como base as suas crenças e emoções, eleva-se a importância da sociabilidade nas comunidades virtuais devido à compatibilidade com seus princípios. Devido às redes sociais serem deficientes em checagem dos fatos, há facilidade em encontrar informações sensacionalistas capazes de capturar a atenção do leitor/interlocutor, no qual ao ver relevância na desinformação, realiza o compartilhamento para familiares e conhecidos, onde ao acatarem, consolidam-se como fonte confiável, mesmo que a informação seja em direção contrária à ciência (SACRAMENTO; PAIVA, 2020).

Todavia, informativos sobre formas eficazes para frear a contaminação pelo vírus como, o uso de álcool em gel e higiene das mãos, foram amplamente divulgados através de comunicação social por entidades científicas como forma de conscientizar a população, sendo visto como ato benéfico após usuários acatarem e replicarem em suas redes, ampliando o alcance. Entretanto, as propagações de possíveis fármacos promissores após demonstrarem atividade satisfatória *in vitro* contra a nova doença, mediados de estudos experimentais sem resultados definitivos, geram calorosos debates entre cientistas e líderes políticos, chamando a atenção da população (GARCIA; DUARTE, 2020; GOMES et al.; 2020; GUIMARÃES; CARVALHO, 2020).

No entanto, após a ANVISA autorizar em março a utilização dos antimaláricos no tratamento do coronavírus, diversos rumores sobre esses fármacos e as vitaminas C e D entraram em circulação nas redes sociais sobre a eficácia da droga em humanos, sendo apoiada por pequena parte influenciadora. Apesar da maior parte dos boatos relacionados aos medicamentos serem de evidências insuficientes sobre os benefícios do uso contra Covid-19, a produção e veiculação de *Fake News* dispõe grande efeito negativo devido à população se encontrar fragilizadas psicologicamente, no qual contribuiu ao internauta intensificar as pesquisas por medicamentos em sites de buscas (Figura 4) (GNATTA et al., 2021; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2020; CRISTO et al., 2021).

Figura 4 – Interesse dos brasileiros sobre os fármacos durante o ano de 2020.



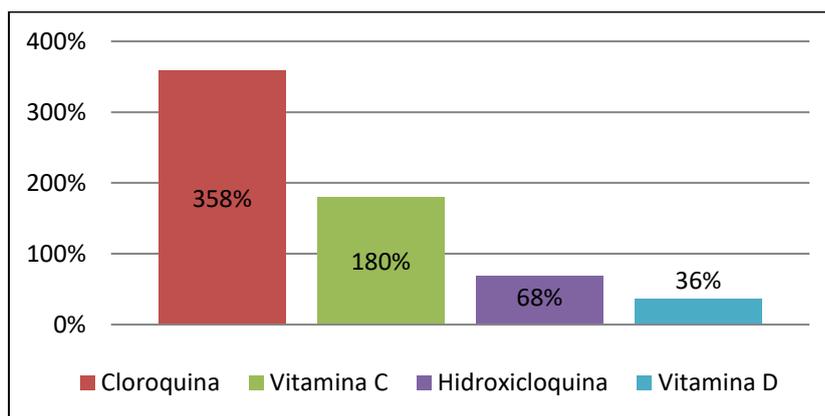
Fonte: Adaptado de Google Trends (2021).

O aumento da busca por fármacos coincide com a infodemia inserida durante a pandemia. Em pesquisa coordenada pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), relacionada à disseminação de *Fake News* sobre o novo coronavírus dentro das redes sociais, constataram que 65% das desinformações encontradas, surpreendentemente são relacionadas às curas não comprovadas cientificamente e/ou milagrosas. Os dados da FIOCRUZ corroboram com o estudo realizado por Barcelos e colaboradores (2021) pertinentes aos meios de divulgação de *Fake News* sobre a Covid-19, no qual identificaram formas de vídeos, mensagens de textos e imagens através do aplicativo de comunicação *WhatsApp* (30,4%) e *Facebook* (21%) como principais fontes de replicação de notícias falsas (FERNANDES et al., 2020).

As dificuldades em encontrar informações comprovadas em conjunto com a possibilidade de cura, colaboraram a população a ser manipulada pela mídia com as informações falsas, no qual ao reacender uma mínima esperança e conforto durante o caos, influencia diretamente no comportamento individual e irracional. A consequência do boato levou a uma corrida sem precedentes a drogarias em buscas dos referidos fármacos, havendo um aumento descontrolado nas vendas (Figura 5)

por crerem fielmente na possível eficácia curativa ou na tentativa de minimizar os sintomas causados pela SARS-Cov-2, sucedendo ao esgotamento de medicamentos em certas regiões do Brasil (CORRÊA; VILARINHO; BARROSO, 2020; CAVALHEIRO; UNGARI, 2020).

Figura 5 – Aumento do percentual referente às vendas de Janeiro a Junho de 2020 comparado ao mesmo período em 2019.



Fonte: Adaptado do Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo (2021) e Lopes et al. (2020).

Visto que a automedicação é uma prática comum entre a população brasileira conveniente as dificuldades, demora em obter consulta médica e o fácil acesso às drogas aglutinadas com a falsa sensação de segurança adquirida pelo recebimento das falsas notícias, colaborou ao indivíduo ir à busca de seu próprio tratamento, contribuindo de forma negativa para o aumento desta prática durante a época pandêmica (PARULEKAR et al., 2016; ONCHONGA et al., 2020; LOPES et al., 2021).

De acordo com a pesquisa de pequeno porte realizada por Souza et al. (2021), constataram que 91% dos brasileiros entrevistados que se automedicaram na intenção de prevenção ou tratamento contra o vírus, adquiriram medicamentos sem a necessidade de prescrição médica em farmácias e drogarias. O aumento considerável de Vitamina C atingiu seu maior pico de vendas em meados de março após ter sido entrelaçada a *Fake News* no qual propagava seu efeito preventivo nas redes. Em direção semelhante, a Vitamina D, HCQ e CQ também foram incluídas na desinformação, no qual ambas tiveram seu primeiro pico de vendas também em

março, porém foram designadas devido ao efeito curativo contra a Covid-19 (CRF-RS, 2020).

Após a explosão de vendas, em destaque aos antimaláricos, houve o comprometimento no tratamento farmacológico contínuo de pacientes portadores de doenças autoimunes como Lúpus Eritematoso Sistêmico. Em decorrência à este comportamento social, a ANVISA emitiu a nova resolução de Diretoria Colegiada (RDC) nº 351 de 20 de março de 2020, que dispõe medicamentos a base de (hidroxi) cloroquina, tornam-se sujeitos à Receita de Controle Especial em receituário branco de duas vias na lista C1, para que pacientes em tratamento obtivessem exclusividade na compra (ANVISA, 2020; MATOS, 2020).

Em virtude ao acesso dificultado na aquisição dos antimaláricos após a inclusão da HCQ e CQ na lista de controle especial, gerou o decaimento na comercialização. Após o aparecimento de estudos animadores *in vitro* com o vermífugo em junho, ocorreu um aumento no volume de pesquisas referente ao fármaco (Figura 4) e conseqüentemente a elevação exponencialmente de 1222% das vendas da IVM naquele mês se comparados ao mesmo mês no ano anterior, tornando este medicamento o novo alvo na busca à prevenção, sendo considerada como a 'nova cloroquina' (CFF, 2021; LIMA et al., 2020).

Por conseguinte, a ANVISA novamente publica uma nova RDC exclusiva para a dispensação dos fármacos CQ, HCQ no qual a partir do dia 23 de julho, os medicamentos deixam de ser incluídos na Lista C1 e passam a compor em conjunto com a IVM a mesma legislação, a RDC nº 405/2020, no qual visa o regime de controle especial sujeitas ao Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC) sob prescrição e retenção de receita devido a Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) pelo o novo Coronavírus, estratégia implantada visando o bloqueio do consumo descontrolado destes medicamentos de forma irracional (ANVISA, 2020).

Apesar de vir à tona estudos robustos relacionados aos antimaláricos acerca de sua ineficácia como forma de preventiva e curativa, a retirada dos fármacos da lista C1 e a exigência apenas de receita simples, levou ao segundo pico de vendas em julho. Em setembro, a ANVISA revisou novamente a RDC 405/2020 e decreta a retirada da IVM da lista de substâncias sujeitas à retenção de receita, no intuito da

população obtivesse facilidade em ter o acesso aos tratamentos de parasitoses e verminoses, visto que o mesmo não houve o comprometimento no desabastecimento se comparado aos antimaláricos, aumentando novamente a quantidade de vendas naquele mês e atingindo seu segundo pico no fim de novembro (CFF, 2020; CRF-AL, 2020; ANVISA, 2020).

Embora ocorra a venda dos medicamentos sem o consentimento científico, Santos et al. (2021) notaram em sua pesquisa que consumo como forma preventiva sem a orientação de um profissional, originou-se pela influência das redes sociais. Ainda que os fármacos sejam elaborados conforme os critérios de segurança e proteção, o aumento das vendas decorrentes ao consumo *off label*, ferem o uso racional de medicamentos no qual traz sérios danos à saúde individual como a ocorrência de reações adversas, visto que a propagação dos estímulos para o consumo dos fármacos na *internet* minimizam os riscos e ressaltam os possíveis benefícios (PAIVA et al., 2020; OLIVEIRA; MEDONÇA; SILVA, 2021; LOPES, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A automedicação é vista como uma prática comum entre a população em virtude das dificuldades na obtenção de consultas médicas especializadas e a facilidade em adquirir medicamentos. A *internet* por ser um meio que auxilia no encontro fácil de informações, ampara o indivíduo à buscar possíveis tratamentos farmacológicos que estejam relacionado ao seu possível sintoma, no qual estes dados podem ser encontrados através de *sites* de buscas ou dentro de redes sociais, porém nota-se que neste último, há a ausência de serviços de verificação dos fatos dentro destas plataformas.

Devido a carência na certificação dos dados em redes sociais e a cultura de não verificar a veracidade de informações obtidas, a replicação de notícias imprecisas propagaram-se rapidamente. A implementação do isolamento social durante crise sanitária por Covid-19, contribuiu a sociedade em atenuar a exposição em mídias, sobretudo a *internet*, em procura de informações relacionadas à nova doença e curas, no entanto, devido a infodemia instaurada, a população passou a ficar suscetível a receber e crer em informações falsas.

Nota-se que durante a corrida científica em busca de tratamentos farmacológicos que auxiliassem contra a infecção por Covid-19, publicações de estudos pioneiros inconclusivos sobre medicamentos obtiveram grande impacto na sociedade após serem amplamente compartilhados por certos influenciadores da rede como forma definitiva de cura ou prevenção contra a recente contaminação, causando atrito e a perda de confiança por parte dos brasileiros pela ciência.

A curiosidade e a esperança despertada pelo cidadãos acerca sobre os fármacos em estudos iniciais, refletiram diretamente no aumento de buscas pelos citados em *sites* de pesquisas, havendo grandes picos de popularidade, sendo apontado as redes sociais *Facebook* e *WhatsApp* os principais divulgadores da desinformação. Observa-se também que após os compartilhamentos, houve elevado volume de vendas dos referidos promissores e conseqüentemente, a elevação da automedicação como forma preventiva contra o vírus, visto que inicialmente tais medicamentos eram adquiridos sem a necessidade de receita médica.

Desta forma, se torna evidente o impacto originado através das disseminações de notícias imprecisas quando propagadas dentro da rede mundial, sobretudo em redes sociais, no entanto, identifica-se que houve a colaboração de possíveis fatores como o psicológico abalado, diminuição de confiabilidade na ciência e o temor pelo futuro incerto, tenham coadjuvado parte dos brasileiros à uma corrida sem precedentes à drogarias e farmácia em busca dos fármacos promitente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Geraldo; KAMONSEKI, Danielo Harudy; FERREIRA, Sandro Rostelato. Perfil de automedicação no município de São Miguel Arcanjo/SP. **Rev. Saúde pública do Paraná**. Londrina, v. 17, n. 2, p. 93-100, 2016. Disponível em <http://dx.doi.org/10.22421/1517-7130.2016v17n2p93>. Acesso em: 28 out. 2020.

AMIM, Hasnat; DRENOS, Fotios. No evidence that vitamin D is able to prevent or affect the severity of COVID-19 in individuals with European ancestry: a Mendelian randomisation study of open data. **BMJ Nutrition, Prevention & Health**. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1136/bmjnph-2020-000151> <http://dx.doi.org/10.1136/bmjnph-2020-000151>. Acesso em: 10 jun. 2021.

ANVISA. AGENCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Resolução da Diretoria Colegiada – **RDC nº 351**, de 20 de março de 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/Resolucao%20n%C2%BA%20351-ANVISA.htm. Acesso em: 01 jun. 2021.

ANVISA. AGENCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Resolução da Diretoria Colegiada – **RDC nº 405**, de 22 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-de-diretoria-colegiada-rdc-n-405-de-22-de-julho-de-2020-268192342>. Acesso em: 12 jun. 2021.

ANVISA. AGENCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Resolução da Diretoria Colegiada – **RDC nº 405**, de 1 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-de-diretoria-colegiada-rdc-n-420-de-1-de-setembro-de-2020-275243243>. Acesso em: 14 jun 2021.

APUKE, Oberiri Destiny; OMAR, Bahiyah. Fake News Proliferation in Nigeria: Consequences, Motivations, and Prevention Through Awareness Strategies. **Humanities & Social Sciences Reviews**. v. 8, n. 2, p.318-327, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18510/hssr.2020.8236>. Acesso em: 29 abr. 2021.

ARAUJO, Ronaldo Ferreira; OLIVEIRA, Thaianne Moreira de. Desinformação e mensagens sobre a hidroxicloroquina no Twitter: da pressão política à disputa científica. **AtoZ**. p. 196-206, ago./nov. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/atoz.v9i2.75929>. Acesso em: 05 maio 2021.

BARCELOS, Thainá do Nascimento et al. Análise de *fake news* veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Rev. Panam Salud Publica**. v. 45, n. 65, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.65>. Acesso em: 07 jun. 2021.

BARTOSZKO, Jessica et al. Prophylaxis for covid-19: living systematic review and network meta-analysis. **MedRxiv**. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1101/2021.02.24.21250469>. Acesso em: 12 maio 2021.

BENDAU, Antonia et al. Associations between COVID-19 related media consumption and symptoms of anxiety, depression and COVID-19 related fear in the general

population in Germany. **European Archive of Psychiatry and Clinical Neuroscience**. v. 271, p. 283-291, mai./jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00406-020-01171-6>. Acesso em: 22 abr. 2021.

BRASIL. Informe nº 16 da Associação Brasileira de Infectologia sobre: atualização sobre hidroxicloroquina no tratamento precoce da Covid-19. **Sociedade Brasileira de Infectologia**. 2020. Disponível em: <https://infectologia.org.br/wp-content/uploads/2020/07/atualizacao-sobre-a-hidroxicloroquina-no-tratamento-precoce-da-covid-19.pdf>. Acesso em: 24 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações. **Percepção pública da C&T no Brasil – 2019 – Resumo executivo**. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2019. Disponível em: https://www.cgее.org.br/documents/10195/734063/CGEE_resumoexecutivo_Percepcao_pub_CT.pdf. Acesso em: 28 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Ministério da Saúde divulga diretrizes para tratamento medicamentoso de pacientes**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46919-ministerio-da-saude-divulga-diretrizes-para-tratamento-medicamentoso-de-pacientes>. Acesso em: 28 maio 2021.

BRISOLA, Anna; BEZERRA, Arthur Coelho. Desinformação e Circulação de 'Fake News': Distinções, Diagnóstico e Reação. *In: XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ANANCIB, 19., Londrina, 2018. Anais...* Londrina, 2018 v. 24, n. 2. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/102819>. Acesso em: 26 abr. 2021.

CALY, Leon et al. The FDA-approved drug ivermectin inhibits the replication of SARS-CoV-2 *in vitro*. **Antiviral Research**. v. 178, mar./mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.antiviral.2020.104787>. Acesso em: 05 maio 2021.

CAMPRUBÍ, Daniel et al. Lack of efficacy of standard doses of ivermectin in severe COVID-19 patients. **Plos One**. Jul./nov. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0242184>. Acesso em: 14 maio 2021.

CAPONI, Sandra et al. O uso político da cloroquina: COVID-19 negacionismo e neoliberalismo. **Revista Brasileira de Sociologia**. v. 9, n. 21, p. 78-102, jan./abr. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.774>. Acesso em: 20 maio 2021.

CAVALHEIRO, Amanda Henriques; UNGARI, Andrea Queiróz. Análise da automedicação no cenário da COVID-19: uma revisão sistemática rápida. **Revista Qualidade HC**. p. 21-28, 2020. Disponível em: <https://www.hcrp.usp.br/revistaqualidade/uploads/Artigos/333/333.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

CASTRO, Rosana. Mesmo sem comprovação científica...: Política de 'liberação' da cloroquina. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**. Rio de Janeiro: Reflexões na Pandemia 2021, 2021. p. 1-12. Disponível em: <https://www.reflexpandemia2021.org/texto-102>. Acesso em: 18 maio 2021.

- CFF - CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Venda de remédios sem eficácia comprovada contra a Covid dispara. 2021. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=6197&titulo=Venda+de+rem%C3%A9dios+sem+efic%C3%A1cia+comprovada+contra+a+Covid+dispara>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- CHAN, Albert et al. Social media for rapid knowledge dissemination: early experience from the COVID-19 pandemic. **Anaesthesia**. v. 75, p. 1579-1582, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/anae.15057>. Acesso em: 09 jun. 2021.
- CHEN, Lan et al. Efficacy and safety of chloroquine or hydroxychloroquine in moderate type of COVID-19: a prospective open-label randomized controlled study. **MedRxiv**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1101/2020.06.19.20136093>. Acesso em: 12 maio 2021.
- CHOPRA, Deepti et al. Prevalence of self-reported anxiety and self-medication among upper and middle socioeconomic strata amidst COVID-19 pandemic. **J Educ Health Promot**. v. 10, n. 73, 2021. Disponível em: [ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8057176/](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8057176/). Acesso em: 03 jul. 2021.
- CORRÊA, Marilena Cordeiro Dias Villela; VILARINHO, Luiz; BARROSO, Wanise Borges Gouvea. Controvérsias em torno do uso experimental da cloroquina/hidroxicloroquina contra a Covid-19: 'no magic bullet'. **Physis**. v. 30, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300217>. Acesso em: 19 maio 2021.
- CRF-AL – CONSELHO REGIONAL DE FARMACIA DE ALAGOAS. Ivermectina e Nitazoxanida: voltam a receita em uma via. 2020. Disponível em: <http://www.crf-al.org.br/2020/09/ivermectina-e-nitazoxanida-volta-receita-em-uma-via/>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- CRF-SP - CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO –. Levantamento mostra como o medo da covid-19 impactou venda de medicamentos. 2020. Disponível em: <http://www.crfsp.org.br/noticias/11256-levantamento-mostra-como-o-medo-da-covid-19-impactou-venda-de-medicamentos.html>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- CRF-RS – CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA DO RIO GRANDE DO SUL. Levantamento mostra como o medo da Covid-19 impactou venda de medicamentos. 2020. Disponível em: <https://www.crf-rs.org.br/noticias/levantamento-mostra-como-o-medo-da-covid-19-impactou-venda-de-medicamentos>. Acesso em 07 jun. 2021.
- D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. 1. ed. Barueri: Faro Editorial, 2018. ISBN 978-85-9581-017-4. Acesso em: 03 maio 2021.
- DAVENPORT, Liam. Increase in 'Fake News' Placing Cancer Patients at Risk. **Lancet Oncology**. Nova York, p. 19-1135, 2018. Disponível em: <https://www.medscape.com/viewarticle/902592>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- DOMINGUES, Larissa. Infodemia: uma ameaça à saúde pública global durante e

após a pandemia de Covid-19. **Reciis**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p.12-17, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2237/2413>. Acesso em: 09 mar. 2021.

FERNANDES, Carla Montuori et al. A pós-verdade em tempos de Covid-19: o negacionismo no discurso do governo no Instagram. **Liinc em Revista**. v. 16, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5317>. Acesso em: 11 jun. 2021.

FILHO, Paulo Sérgio da Paz Silva et al. The risks of self-medication in the elderly affected by coronaviruses and other respiratory syndromes. **Reaserach, Society and Development**. v. 9, n. 7. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4211>. Acesso em: 15 jun. 2021.

FOMBELLIDA, Martín et al. Does the information about self-medication available in the internet meet standards of quality?. **Rev. cub. Inf. Cienc. Salud**. v. 27, n. 1, p. 19-34. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/293743446_La_informacion_sobre_automedicacion_disponible_en_internet_reune_criterios_de_calidad. Acesso em: 11 abr. 2021.

FUNDEP. **Pesquisa**: Hábitos de consumo sobre ciência. 2020. Disponível em: <https://www.fundep.ufmg.br/wp-content/uploads/2020/12/Infogr%C3%A1fico-Pesquisa-H%C3%A1bitos-Consumo-Ci%C3%A1ncia-1.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

FUNK, Cary et al. **Science and Scientist Held in High Esteem Across Global Publics**. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/science/2020/09/29/science-and-scientists-held-in-high-esteem-across-global-publics/>. Acesso em: 26 maio 2021.

GALHARDI, Cláudia Pereira et al. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciênc. Saúde coletiva**. v. 25, n. 2. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28922020>. Acesso em: 26 abr. 2021.

GAO, Jianjun et al. Breakthrough: Chloroquine phosphate has shown apparent efficacy in treatment of COVID-19 associated pneumonia in clinical studies. **BioScience Trends**. v. 14, n. 1, p. 72-73. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5582/bst.2020.01047>. Acesso em: 11 maio 2021.

GARCIA, Antônio Leonardo de Freitas, et al. Self-medication and adherence to drug treatment: assessment of participants of the Universidade do Envelhecer (the University of Aging) program. *Rev. Bras. geriatra. gerontol.* Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, nov./dec. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562018021.180106>. Acesso em: 31 mar. 2021.

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. *Epidemiol. Serv. Saúde*. v. 29, n. 4, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400019>. Acesso em: 22 abr. 2021.

GARFIN, Dana Rose et al. The novel coronavirus (COVID-2019) outbreak: Amplification of public health consequences by media exposure. **Health Psychology**, v. 39, n. 5, p. 355-357, fev./fev. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/hea0000875>. Acesso em: 14 mar. 2021.

GARFIN, Dana Rose et al. Acute stress and subsequent health outcomes: A systematic review. **Journal of Psychosomatic Research**. v. 112, p. 107-113. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2018.05.017>. Acesso em: 19 abr. 2021.

GAUTRET, Philippe et al. Hydroxychloroquine and azithromycin as a treatment of COVID-19: results of an open label non-randomized clinical trial. **International Journal of Antimicrobial Agents**. v. 56, n. 1. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijantimicag.2020.105949>. Acesso em: 20 mai 2021.

GELFERD, Axel. Fake News: A Definition. **Informal Logic**. v. 38, n. 1, p. 84-117, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22329/il.v38i1.5068>. Acesso em: 27 abr. 2021.

GNATTA, Diego et al. Drug Purchases's analysis for COVID-19 treatment in Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviço de Saúde**. v. 12, n. 2, p. 554-554, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30968/rbfhss.2021.122.0554>. Acesso em: 05 maio 2021.

GOMES, Alan Hílame Diniz et al. Riscos da automedicação na pandemia por covid-19: o dilema entre informações midiáticas e científicas. In: TAVARES, Thais Raquel Pires.; MADEIROS, Luiz Henrique Costa. **Ciência da Saúde no Brasil: Contribuições para enfrentar os desafios atuais e futuros**. 1. ed. Campina Grande: Amplla, 2020. p 40-46. ISBN: 978-65-88332-12-2. Acesso em: 03 maio 2021.

GOOGLE TRENDS. 2021. Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends>. Acesso em: 31 maio 2021.

GUIMARÃES, Ádria Silva; CARVALHO, Welligton Roberto Gomes. Desinformação, Negacionismo e Automedicação: a relação da população com as drogas 'milagrosas' em maio à pandemia da COVID-19. **Interamerican Journal of Medicine and Health**. v. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31005/iajmh.v3i0.147>. Acesso em: 19 maio 2021.

HENRIQUES, Cláudio Maierovitch Pessanha; VASCONCELOS, Wagner. Crises dentro da crise: respostas, incertezas e desencontros no combate à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Estud. Av.** v. 34, n. 99, mai./ago. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.003>. Acesso em: 05 maio 2021.

IURAS, Anderson et al. Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil). **Rev Port Estomatol Med Dent Cir Maxilofac**. Manaus, v. 57, n. 2, p. 104-111, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rpemd.2016.01.001>. Acesso em: 22 out. 2020.

LAMONTAGNE, François et al. A living WHO guideline on drugs to prevent covid-19. **BMJ**. v. 372, n. 526, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmj.n526>. Acesso em: 06 maio 2021.

LIMA, Sabrina dos Santos. **A influência do marketing de conteúdo feito por empresas de saúde na automedicação**. 2016. 35 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pós- Graduação em Marketing Digital) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/12292>. Acesso em: 11 abr. 2021.

LIMA, William Gustavo et al. Uso irracional de medicamentos e plantas medicinais contra a COVID-19 (SARS-CoV-2): Um problema emergente. **Braz. J. H. Pharm.** v. 2, n. 3, p. 42-58, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/226760.2.3-5>. Acesso em: 07 jun. 2021.

LIDEN, Sander van der et al. Inoculating Against Fake News About COVID-19. **Front. Psychol.** v. 11, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.566790>. Acesso em: 03 maio 2021.

LOPES, Ivonete da Siva et al. Entre a pandemia e o negacionismo: a comunicação de riscos da Covid-19 pelo governo brasileiro. **Chasqui.** n. 145, p. 261-280, out./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.16921/chasqui.v1i145.4350>. Acesso em: 05 maio 2021.

LÓPEZ-MEDINA, Eduardo et al. Effect of Ivermectin on Time to Resolution of Symptoms Among Adults With Mild COVID-19. **JAMA.** v. 325, n. 14, p. 1426-1435, 2021. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jama/fullarticle/2777389>. Acesso em: 06 maio 2021.

MACHADO, Caio Vieira et al. Analisando o contágio de desinformação sobre coronavírus via youtube. In: Repositório de Acesso Aberto da UNESCO, **CEPEDISA.** 2020. Disponível em: <http://www.unesco.org/open-access/terms-use-ccbysa-en>. Acesso em: 05 maio 2021.

MACHADO, Lia Zumblick; Chaiana Esmeraldino Mendes Marcon. Carta às Editoras sobre o artigo de Melo et al. **Cad. Saúde Pública.** v. 37, n. 4. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00028721>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MANSO, Maria Elisa Gonzalez; ROTH, Maria Cecilia; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Idosos vivenciando o diabetes nas redes sociais. **Revista Portal de Divulgação.** v. 53, p. 63-68, ago./set. 2017. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/681/750>. Acesso em: 06 abr. 2021.

MATOS, Rafael Christian. *Fake News* frente a pandemia de COVID-19. v. 8, n. 3, p. 78-85, maio/maio. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22239/2317-269x.01595>. Acesso em: 01 jun. 2021.

MELO, José Romério Rabelo et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. **Cad. Saúde Pública.** v. 37, n. 4, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00053221>. Acesso em: 21 maio 2021.

MITJÀ, Oriol et al. Hydroxychloroquine for Early Treatment of Adults With Mild Coronavirus Disease 2019: A Randomized, Controlled Trial. **Clinical Infectious Diseases.** 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/cid/ciaa1009>. Acesso em: 24

maio 2021.

MONTES, Flaviane Cardoso. **Incidência e Conhecimento sobre Automedicação: Perfil de Usuários de Medicamentos numa Determinada população**. 2020. 45 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Enfermagem) – Centro Universitário de Lavras, Lavras, 2020. Disponível em: <http://dspace.unilavras.edu.br/handle/123456789/513>. Acesso em: 28 out. 2020.

MOREIRA, Maria Rosilene Cândido et al. Categorias das *fake news* sobre COVID-19 disseminadas no primeiro ano da pandemia no Brasil. **O mundo da Saúde**. v. 1, n. 45, p. 221-232. 2021. Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/1067>. Acesso em: 05 maio 2021.

MOURA, Nayara Gurgel de. **Avaliação, entre estudantes de uma instituição de ensino superior, acerca de conhecimentos sobre automedicação e alterações hematológicas**. 2019. 69 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Biomedicina) – Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró, Mossoró, 2019. Disponível em: <http://www.sistemasfacenern.com.br/repositorio/admin/acervo/214e7cb9641d5f89f01e61c8ac3d673d.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2021.

NATIVIDADE, Marcio dos Santos et al. Distanciamento social e condições de vida na pandemia COVID-19 em Salvador-Bahia, Brasil. **Ciênc. Saúde coletiva**. v. 25, n. 9, ago./set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.22142020>. Acesso em: 16 abr. 2021.

NAZARETH, Rodrigo Trisoglino. Saúde e mídia social: As fake news que matam. **UNISANTA LAW AND SOCIAL SCIENCE**. v. 7, n. 3, p. 593 - 604, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unisanta.br/index.php/lss/article/view/1739>. Acesso em: 06 abr. 2021.

NETO, André Pereira; BARBOSA, Leticia; MUCI, Stephanie. Internet, geração Y e saúde: um estudo nas comunidades de Manguinhos (RJ). **Comum. & Inf.** v. 19, n. 1, p. 20-36, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/35602/21963>. Acesso em: 07 abr. 2021.

OLIVEIRA, Fabianny Silva; MENDONÇA, Gleyze da Silva; SILVA, Socorro de Souza. Avaliação de segurança de medicamento *off-label* utilizados no tratamento da COVID-19: revisão sistemática. **Brazilian Applied Science Review**. v. 5, n. 3, p. 1419-1430, mai./jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34115/basrv5n3-010>. Acesso em: 16 jun. 2021.

OLIVEIRA, Giulia Cristina Rodrigues; OLIVEIRA, Natália Soares. Saúde e *Fake News*: o impacto das notícias falsas no comportamento da população em meio à pandemia da COVID-19. **Revista Interdisciplinar de Extensão**. v. 4, n. 8, p. 100-113. 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/conecte-se/article/view/24603/17478>. Acesso em: 31 maio 2021.

OLIVEIRA, João Victor Lopes et al. A automedicação no período de pandemia de COVID-19: Revisão integrativa. **Research, Society and Development**. v. 10, n. 3.

mar./mar. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13762>. Acesso em: 15 jun. 2021.

OLIVEIRA, Tiago de Melo de et al. Self-medication in Brazil's public health: The importance of pharmaceutical performance in the multiprofessional team and as an advisor in the rational use of medications. **Braz. J. of Development**. v. 6, n. 8, p. 59182-59196, jun./jul. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/15157/12509>. Acesso em: 27 out. 2020.

OLIVEIRA, Vanessa Castro de et al. Perfil da automedicação em uma farmácia comunitária no município de Itapipoca-CE. **Rev. Expressão Católica Saúde**. v. 3, n. 1, p. 64-70, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25191/recs.v3i1.2135>. Acesso em: 31 mar. 2021.

ORTIZ, Júnia et al. Ciência e Covid-19 no Brasil: a repercussão das decisões da OMS no Twitter. **Chasqui**. n. 145, p. 49-66, out./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.16921/chasqui.v1i145.4351>. Acesso em: 03 maio 2021.

PALODETO, Maria Fernanda Turbay; FISCHER, Marta Luciane. A representação da medicação sob a perspectiva da Bioética. **Saúde soc**. v. 27, n. 1, jan./mar. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902018170831>. Acesso em: 01 abr. 2021.

PAIVA, Amanda Maria et al. Efeito das 'promessas terapêuticas' sobre os preços de medicamentos em tempos de pandemia. **J. Health Biol Sci**. v. 8, n. 1, p. 1-5, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v8i1.3407.p1-5.2020>. Acesso em: 08 jun. 2021.

PAN, Hongchao et al. Repurposed antiviral drugs for COVID-19 – interim WHO SOLIDARITY trial results. **New England Journal of Medicine**. Disponível em: <https://doi.org/10.1101/2020.10.15.20209817>. Acesso em: 05 maio 2021.

PERLMAN, Stanley. Another Decade, Another Coronavirus. **N Engl J Med**. v. 382, n. 8, p. 760-762, 2020. Disponível em: [nejm.org/doi/10.1056/NEJMe2001126](https://doi.org/10.1056/NEJMe2001126). Acesso em: 19 abr. 2021.

PENNYCOOK, Gordon; RAND, David. Lazy, not biased: Susceptibility to partisan fake news is better explained by lack of reasoning than by motivated reasoning. **Cognition**. v. 188, p. 39-50, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2018.06.011>. Acesso em: 19 maio 2021.

PULIDO, Cristina et al. COVID-19 infodemic: More retweets for Science-based information on coronavirus than for false information. **International Sociology**. v. 35, n. 4, p. 377-392, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0268580920914755>. Acesso em: 29 abr. 2021.

RAOULT, Didier et al. Chloroquine and hydroxychloroquine as available weapons to fight COVID-19. **Journal of Antimicrobial Agents**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijantimicag.2020.105932>. Acesso em: 20 maio 2021.

RIBEIRO, Sarah et al. O Eventual Crime De Responsabilidade Pelo Poder Executivo

Brasileiro Com A Utilização Da Hidroxicloroquina No Tratamento Da COVID-19. **Cadernos de Direito Actual**. n. 14, p. 238-255, set./nov. 2020. Disponível em: <http://www.cadernosdedereitoactual.es/ojs/index.php/cadernos/article/view/574>. Acesso em: 18 maio 2021.

RODRIGUES, Ana Carla Martins et al. **A internet como fonte de informação em saúde para pacientes de uma unidade de saúde pública de Anápolis, Goiás**. 2018. [31]f. (Trabalho apresentado à disciplina de Iniciação Científica em Medicina) – Medicina, Centro universitário de Anápolis, Faculdade UniEVANGÉLICA, Anápolis, 2018. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/849/1/5.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2021.

SACRAMENTO, Igor; PAIVA, Raquel. Fake News, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. **MATRIZES**. v. 14, n. 1, p. 76-106, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i1p79-106>. Acesso em: 05 maio 2021.

SADIO, Arnold et al. Assessment of self-medication practices in the context of the COVID-19 outbreak in Togo. **BMC Public Health**. v. 21, n. 58, 2021. Disponível em: <https://bmcpublihealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-020-10145-1>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SAILER, Michael et al. Science knowledge and trust in medicine affect individuals' behavior in pandemic crises. **Psyarxiv**, 2020. Disponível em: <https://psyarxiv.com/tmu8f/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

SANTAELLA, Lucia. **A PÓS-Verdade É Verdadeira ou Falsa?** 1. ed. Barueri: Estação das Letras e Cores. 2019. ISBN 978-8568552803. Acesso em: 11 jun. 2021.

SANTOS, Eduardo Solano Pina dos; ANDRADE, Camilla Moreira; BEHOMOL, Elena. Prática da automedicação entre estudantes de ensino médio. **Cogitare enferm**. São Paulo, v. 24, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v24i0.61324>. Acesso em: 28 out. 2020.

SANTOS, Karina Kelly Assis. A influência das redes sociais no uso irracional de medicamentos para combate ao COVID-19 por estudantes do curso de farmácia e profissionais de uma instituição de ensino superior privada. **Reserach, Society and Development**. v. 10, n. 7. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16069>. Acesso em: 16 jun. 2021.

SCHIMIDT, Beatriz et al. Impactos na Saúde e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19). **Estud. Psicol**. Campinas, v. 37, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>. Acesso em: 16 abr. 2021.

SCHUCHMANN, Alexandra Zanella et al. Isolamento social vertical X Isolamento social horizonte: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de COVID-19. **Braz. J. Hea. Rev**. Curitiba, v. 3, n. 2, p. 3556-3576, mar./abr, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n2-185>. Acesso em: 16 abr. 2021.

SEVILLA-CASTILLO, Fernando et al. Both Chloroquine and Lopinavir/Ritonavir Are Ineffective for COVID-19 Treatment and Combined Worsen the Pathology: A Single-Center Experience with Severely I11 Patients. **BioMed Research Internetal**. v.

2021. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2021/8821318>. Acesso em: 12 maio 2021.

SHARMA, Karishma et al. Covid-19 on social media: Analyzing misinformation in twitter conversations. **ArXiv preprint arXiv:2003.12309**, v. 3, n. 2, 2020. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2003.12309>. Acesso em: 14 mar. 2021.

SKIPPER, Caleb et al. Hydroxychloroquine in Nonhospitalized Adults With Early COVID-19. **Annals of Internal Medicine**. v. 173, n. 8, p. 623-632. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7326/M20-4207>. Acesso em: 24 maio 2021.

SOUZA, Cristina de Fátima de Oliveira Brum Augusto et al. Um estudo bibliográfico sobre as Fake News no âmbito da saúde. **Ed. Atena**. 2020. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/31532>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SOUZA, Maria Nathalya Costa et al. Ocorrência de Automedicação na população Brasileira como estratégia preventiva ao SARS-CoV-2. **Research, Society and Development**. v. 10, n. 1, jan./jan. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11933>. Acesso em: 11 jun. 2021.

THOMAS, Suma et al. Effect of High-Dose Zinc and Ascorbic Acid Supplementation vs Usual Care on Symptom Length and Reduction Among Ambulatory Patients With SARS-CoV-2 Infection. **JAMA Netw Open**. v. 4, n. 2, 2021. Disponível em: <https://ja.ma/3ghHjq9>. Acesso em: 10 jun. 2021.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo; CASTIEL, Luis David. COVID-19, as fake news e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas. **Cad. Saúde Pública**. v. 36, n. 7. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00101920>. Acesso em: 23 abr. 2021.

WANG, Yuxi et al. Systematic Literature Review on the Spread of Health-related Misinformation on Social Media. **Social Science & Medicine**. v. 240, jan./set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2019.112552>. Acesso em: 26 abr. 2021.

WIEDERHOLD, Brenda. Using Social Media to our advantage: Alleviating Anxiety During a Pandemic. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**. v. 23, n. 4. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/cyber.2020.29180.bkw>. Acesso em: 20 abr. 2021.

YAN Qinling et al. Media coverage and hospital notifications: Correlation analysis and optimal media impact duration to manage a pandemic. **Journal of Theoretical Biology**. v. 390, p. 1-13. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jtbi.2015.11.002>. Acesso em: 20 abr. 2021.

YAO, Xuenting et al. In Vitro Antiviral Activity and Projection of Optimized Dosing Design of Hydroxychloroquine for the Treatment of Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 (SARS-CoV-2). **Clinical Infectious Diseases**. v. 71, n. 15, p. 732-739, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/cid/ciaa237>. Acesso em: 11 maio 2021.



RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE PLÁGIO

DISCENTE: Esther Eliza Neres Barroso

CURSO: Farmácia

DATA DE ANÁLISE: 30.08.2021

RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **3,25%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet ⚠

Suspeitas confirmadas: **1,61%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados ⚠

Texto analisado: **93,47%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.7.1
segunda-feira, 30 de agosto de 2021 16:31

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho da discente **ESTHER ELIZA NERES BARROSO**, n. de matrícula **27039**, do curso de Farmácia, foi **APROVADO** na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 3,25%, devendo a aluna fazer as correções necessárias.

(assinado eletronicamente)
HERTA MARIA DE AÇUCENA DO N. SOEIRO
Bibliotecária CRB 1114/11
Biblioteca Júlio Bordignon
Faculdade de Educação e Meio Ambiente



Esther Neres

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/2578241329444834>

ID Lattes: **2578241329444834**

Última atualização do currículo em 28/10/2020

Graduanda em Farmácia pela Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA. **(Texto informado pelo autor)** :

Identificação

Nome	Esther Neres
Nome em citações bibliográficas	NERES, E.
Lattes iD	http://lattes.cnpq.br/2578241329444834
Orcid iD	https://orcid.org/0000-0002-1276-0678

Formação acadêmica/titulação

2017	Graduação em andamento em Farmácia. Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.
2014 - 2016	Bolsista do(a): Programa Universidade para Todos, PROUNI, Brasil. Ensino Médio (2º grau). Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Capitão Silvio de Farias, EEEFM, Brasil.

Formação Complementar

2020 - 2020	Curso Administração de Injetáveis. (Carga horária: 30h). Futura Info Ensino Técnico e Profissional, FUTURAINFO, Brasil.
--------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Idiomas

Português	Compreende Bem, Fala Bem, Lê Bem, Escreve Bem.
Inglês	Compreende Razoavelmente, Fala Razoavelmente, Lê Razoavelmente, Escreve Razoavelmente.

Produções

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

Ordenar por

Ordem Cronológica

1. **NERES, E.**; SANTOS, A. K. S. ; ROMERO, J. ; REZENDE, D. . RELATO DE CASO: ACOMPANHAMENTO E ABORDAGEM DO PGRSS EM UM POSTO DE COLETA DE MATERIAIS BIOLÓGICOS HUMANOS. REVISTA CIENTÍFICA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE, v. 10, p. 193-204, 2020.

Página gerada pelo Sistema Currículo Lattes em 29/09/2021 às 17:34:40

Imprimir currículo